

## LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE GUATÓ

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)  
natysierra2011@hotmail.com

Cada pedaço desta terra é sagrado para o meu povo. (...) Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta bela terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. (...).

Essa água brilhante que escorre nos riachos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. (...) cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida do meu povo. O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais.

(Chefe Seattle  
ao Presidente dos Estados Unidos- 1854)

### **1. Introdução**

Com base em Godói Filho (1986), é possível afirmar que o Pantanal é uma paisagem geologicamente recente, uma planície aluvial quaternária, um exemplo de bacia tectônica de sedimentação atual com características de bacia intratectônica, que se individualizou no final do período mesozoico. Godói Filho (1986) calcula que a Bacia do Alto Paraguai possui uma área aproximada de 500.000 km<sup>2</sup>, dos quais 28%, ou 140.000 km<sup>2</sup>, pertencem à Bolívia e ao Paraguai. O Pantanal Mato-grossense situa-se no centro da América do Sul, na Bacia do Alto Paraguai que, por sua vez, está localizado entre os paralelos de 14°00' a 22°00' de latitude Sul e os meridianos de 53°00' a 66°00' de longitude Oeste de Greenwich. E sua extensão, estimada por Adamoli (1982) e Garcia (1984) é de aproximadamente 139.111 km<sup>2</sup>. (OLIVEIRA, *apud* GARCIA, 1984, p. 15).

Nessa região, quase fronteira com a Bolívia, encontra-se a comunidade indígena denominada guató, comunidade esta que será destacada nessa pesquisa. Alguns índios guató moram na aldeia Uberaba que se localiza em uma ilha fluvial, no Canal D. Pedro II: a ilha Ínsua e nela, está localizado o II Batalhão de Fronteira do Exército Brasileiro, conhecida como Bela Vista; outros, na cidade de Corumbá – MS.

A foto a seguir mostra a beleza natural da aldeia Uberaba.



**Figura 1- Foto da Aldeia Uberaba (vista ao longe), na ilha Ínsua.**

Estudiosos como Oliveira (1996), Palácio (1984) e Schmidt (1942) afirmaram que os índios guatós são os últimos remanescentes dos grupos canoieiros do Continente Americano; tribo considerada extinta pelos antropólogos, por mais de quarenta anos.

Em se tratando da língua guató, esta foi documentada pela primeira vez por Castelnau (1851), fazendo parte do tronco linguístico macro-jê. Atualmente, são poucos os seus falantes, tendo em vista que a maioria dos falantes da comunidade, em destaque, fala só o português.

Diante disso, surge a necessidade de se fazer um estudo para se verificar a influência da língua portuguesa na fala dessa comunidade. A urgência em proceder ao estudo está no fato de a língua de origem – o guató – não ter relação imediata, com qualquer outra língua ou famílias linguísticas conhecidas.

### **1.1. Objetivo**

Fazer uma investigação, um documentário e dentro da proposta, um estudo que revele, por meio de depoimentos de vida e de uma pesquisa sociocultural, o modo como o grupo étnico guató enxerga o mundo, conhecendo um pouco da história dessa comunidade e saber a concepção que os informantes têm sobre os vocábulos “terra” e “rio”, unidades lexicêmicas que representam o campo semântico e cultural do grupo.

## 1.2. Metodologia

A presente pesquisa é de natureza dialetológica/sociolinguística, situando-se na interdisciplinaridade das ciências sociais e da ciência da linguagem. Consideramo-la dialetológica porque este trabalho se define como uma metodologia de trabalho que passa por várias etapas: uma fase de preparação, (escolha de locais e dos informantes para as viagens e coleta dos dados); uma, de execução (viagens, coleta de dados, com um questionário adequado, entrevistas, transcrição e levantamento dos segmentos linguísticos); outra, de análise e aplicação da teoria adotada, ao procurarmos documentar esse vastíssimo vocabulário sobre a cultura, história e linguagem do grupo guató.

Ao todo, foram realizadas quatro viagens à aldeia Uberaba para a coleta do material linguístico, utilizado na pesquisa, no período que compreendeu de julho de 1999 a julho de 2000. A primeira viagem que fizemos foi, apenas, para mantermos contato com a comunidade em questão. Sendo o local de difícil acesso, só havia duas alternativas: aérea ou fluvial. Optamos pela aérea, pois na época o rio estava muito cheio e não era aconselhável uma viagem, via fluvial.

Como pretendíamos, nesta pesquisa, levantar a memória histórica e cultural, bem como as características linguísticas dos antepassados indígenas da comunidade em estudo, optamos, por entrevistar as pessoas mais idosas do local, pois acreditamos que essas pessoas possuem as informações histórico-culturais que buscamos (cf. CARENO, 1997, p. 18).

Com isso, as variáveis sociais utilizadas foram restritas a informantes que se enquadrassem nos critérios estabelecidos. São as seguintes essas variáveis: três faixas etárias, sendo a primeira de 18 a 30 anos, a segunda entre 31 a 60 anos e a terceira, acima de 61 anos, perfazendo um total de 15 (quinze) informantes, sendo 10 (dez) residentes na aldeia e 5 (cinco) fora dela, do sexo (masculino e feminino), nível de escolaridade (alfabetizado e analfabeto).

As variáveis foram classificadas em dois tipos: a) extralinguísticas: faixa etária, sexo e nível de escolaridade; b) linguísticas: dados morfossintáticos, semânticos e lexicais mais evidentes na fala dos informantes.

O léxico, neste trabalho, é entendido como competência lexical, considerado em sua função representativa de um sistema de possibilidades.

A relação entre o universo sociocultural deste grupo étnico e a sua representação, por meio de expressões lexemáticas, fez-nos levantar algumas hipóteses, às quais procuramos verificar ao longo do trabalho.

i) a perda do referencial linguístico de um povo deve-se ao fato não dele ter se isolado, mas sim, de ter mantido contato constante com falantes de outras línguas;

ii) o conhecimento da cultura de um povo está fundamentalmente relacionado ao estudo de sua língua que é forma e produto dela;

O estudo das línguas indígenas torna-se cada dia mais importante para o desenvolvimento dos conhecimentos linguísticos. Rodrigues (1966, p. 4-5) assevera que, ao se estudar essas línguas, dois aspectos podem ser destacados: o estudo sincrônico e o estudo diacrônico. Os tópicos utilizados para a confecção dos questionários foram os descritos a seguir:

O tema *Família* com o objetivo foi verificar as semelhanças e diferenças de convívio dos índios que vivem na aldeia e dos que lá não vivem. O tema *Cultura e Hábitos Cotidianos* pensando em resgatar os costumes e as crenças dessa comunidade. O tema *Comunidade: Origem e Evolução* com o objetivo principal de obter o conhecimento da realidade e da trajetória, em relação à saída e ao retorno à aldeia, bem como, das mudanças ocorridas, dentro da referida comunidade. O tema *Medicina Popular* porque, como é do conhecimento de todos, as comunidades indígenas utilizam plantas medicinais, para curar todo e qualquer tipo de doença.

Com as gravações transcritas e levantado o corpus, procuramos enfatizar o objeto de nossa pesquisa que é o arquilexema “natureza”, considerando os lexemas TERRA e RIO, como formadores de campo lexical, referente ao objeto investigado – Natureza.

## **2. Aspectos histórico-culturais do grupo étnico**

Quem são os guatós?

Os guatós são filhos legítimos do Pantanal. Com a extinção das tribos guaxarapós e paiaguás, os guatós ficaram conhecidos, historicamente, como últimos índios canoieiros por excelência, do Pantanal, pois vivem quase sempre sobre a água, em suas canoas usadas para o transporte, embora essas canoas sejam muito pequenas.



**Figura 2 – Índio canoeiro. Pesca com arco e flecha.**  
(Fonte: *Terra*, 05/1999).

Susnik (1978, p. 19), com base nas informações linguísticas de Schmidt (1942, p. 230), afirma que seu nome tribal se correlaciona com a palavra *maguató* que designa frango-d'água. Constatou-se também, através de informações orais, que a palavra *maguató* pode-se referir, tanto a uma ave “frango-d'água”, como o vocábulo “gente”, pois possui mais de um significado, dependendo da situação em que é empregada. (Cf. OLIVEIRA, 1985, p. 51)

Segundo Palácio (1984, p. 48), o prefixo “ma” é uma flexão determinativa dos substantivos e está presente na maioria das palavras em *guató*. Dessa forma, *maguató* é a aglutinação de *ma* e *guató*.

### **3. Fundamentação teórica**

A linguagem, enquanto fenômeno social, só pode ser entendida no seio da comunidade que a produz. A língua faz com que o homem interaja com o meio social em que vive. Assim, podemos perceber as transformações sociais que incorrerão em transformações linguísticas.

O reflexo dessas transformações é sentido na língua que, por sua vez, se ajusta para acompanhar o ritmo do progresso nas diversas áreas do conhecimento humano, cumprindo seu papel de expressar a realidade através de signos linguísticos. Com esse processo de adaptação, língua e sociedade unem-se de maneira indissociável, sendo uma, o reflexo da outra.

Contra a posição homogeneizadora da linguística estruturalista tradicional insurgiu-se a sociolinguística, tentando provar uma premissa oposta, ou seja, a de que a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana e, sendo assim, dado o tipo de atividade que é a comunicação linguística, seria a ausência de variação no sistema o que necessitaria ser explicado, como muito bem salienta Monteiro (2000, p. 57), pois permite compreender que as estruturas variantes, muito mais do que as invariantes relevam padrões de regularidade que, de tão sistemáticos, não podem ser devidos ao acaso.

Podemos dizer que a sociolinguística é uma ciência de suma importância, para estudarmos e compreendermos a realidade constituída pelos diferentes fenômenos variantes da língua, uma vez que a variação linguística é inerente a ela.

Percebemos essa questão na comunidade indígena dos guató, pois mesmo falando a língua portuguesa, eles não deixam de mostrar interesse em conservar a sua língua nativa, o que é notório quando dão seus depoimentos de vida, narrando suas experiências pessoais.

Segundo Ferreira (1992, p. 1511), a terminologia “rio” significa: curso de água natural, de extensão mais ou menos considerável, que se desloca de um nível mais elevado para outro mais baixo, aumentando progressivamente seu volume até desaguar no mar, num lago ou noutro rio e cujas características dependem do relevo, do regime de água.

Para o índio, a noção de rio vai mais além de simples conceito abstrato. Os rios são considerados como seus irmãos, pois além de saciarem a sede, neles corre a água que é o líquido da vida e, principalmente, são fontes de subsistência para seu povo.

#### **4. Resultado**

Ao analisarmos uma unidade lexical pertencente à língua dos guató, percebemos que estes têm diferentes maneiras de definir as unidades léxicas “terra” e “rio”, e o significado não é o mesmo da comunidade não índia.

O traço significativo constante em todo o conjunto de lexema é os verbos *ir* e *vir*, os substantivos *terra* e *rio* e os adjetivos *unidos* e *importante*, pois são percebidos em todos os relatos e, em todos os momentos, principalmente, em relação à ideia de retorno à ilha.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

- (1) "...aqui ela num gosta di *lembrá* us passadu..." (B- 1B2A).
- (2) "...si *tornô* prá nós uma sigurança..." (B-1B4A)
- (3) "...da *terra*...prás pranta...lugá... prá morá..." (S-7A6A)
- (4) "...u *riu*:::pá pegá pexi..." (S-7A 6A)
- (5) "...aqui é bom...qui a genti é unidu...assim dessi jeitu...né?" (CAB-12A7A)

Outros lexemas como *conhecer*, *amigar*, *namoro*, *parente*, *sobrinha*, *legítima*, *solteira*, indiretamente estão presentes, já que os consideramos como definições da unidade léxica.

Os sete lexemas têm semas em comum. O traço que os agrupa é a consanguinidade, ou seja, laços originados pelo parentesco natural e social, visto que a tribo forma uma grande rede de relações que se entrelaça de tal maneira que, muitas vezes, se torna difícil esclarecê-las. A afetividade e as relações familiares definem as manifestações de união dessa etnia.

- (6) "...aí si *cunhecemu*..." (M-2B5A).
- (7) "...aí *amiguemu*..." (M-2B5A).
- (8) "...(*intão* era só primu)... *intão* num tinha *namoro*..." (E-7A13B)
- (9) "...só *parenti*... (essa mininada são tudu minha *subrinha*)..." (M-2B1A)
- (10) "...(*só parenti*).. essa mininada são tudu minha *subrinha*..." (M-2B1A)
- (11) "...essa aí é *guató ligítima*... (us filhu dela tamém)..." (A-5B3A)
- (12) "...eu só *sortera*..." (A-5B2C)

Outros semas que praticamente se apresentam em todas as unidades léxicas são os *s1* e *s2*, ou seja, "no lugar" e "de lugar", pois quase todos os lexemas do quadro II, refere-se a eles: *queria*, *abria*, *saía*, *abandonaram*, *terra*, *ilha*, *sonda*, *qualidade*, *misturado*, *unido*, *passaram*, *gostoso*.

- (13) "...elis *quiria* era tirá us moradó daqui..." (B-1B2A).
- (14) "...(*intão* elis saía po riu) *abria* morada, a caça a pesca era a..." (B-1B4A).
- (15) "...elis *saía* pur aí essis aterru aí prá fora..." (M-2B2A).
- (16) "...(*só sei* qui sairu)...*abandonaru* tudu..." (M-2B2A).
- (17) "...num *quiria* dexá nois vortá pa *terra*..." (SE-8A5A).
- (18) "...essa *ilha*...significa qui nois tamu revivenu di novu..." (SE-8A5A)

- (19) "...u pessoal pesca mais di *sonda*..." (B-1B2A).  
(20) "...i tinha outras qualidadi di *vida*.." (SE-8A6A).  
(21) "...sô puro...sô *misturadu*..." (B-1B1A).  
(22) "aqui é bom qui a genti é *unidu*...anssim dessi jeitu...né?..." (CAB-12A6A).

## 5. *Considerações finais*

O que mais nos preocupou, nesta pesquisa, foi conhecer com mais profundidade a história dessa comunidade, pois a mesma já havia sido considerada extinta e, acreditamos, que só através de pesquisa dessa natureza é que se pode divulgar os costumes e os hábitos de um grupo étnico e contribuir para o resgate da identidade e da cultura do mesmo. Foi possível constatar que alguns habitantes ainda conservam parte de sua cultura, preservam o dialeto pertencente ao grupo macro-jê e apreciam o trabalho comunitário. No entanto, o nível de aculturação linguístico e cultural dessa comunidade já está bastante acelerado, como fato observado durante o contato direto com os informantes.

A partir dos dados apresentados neste trabalho, foi possível obter uma visão mais clara da realidade étnica, social, cultural e linguística da região. Fizemos um levantamento das variantes existentes na fala da comunidade e procuramos caracterizá-las.

As características linguísticas estudadas nos mostram que a linguagem falada nesta comunidade tradicional está em franca mudança. Confirmamos a hipótese IV ao inserirmos as unidades lexicais em uma esfera única da relação social é certa de que cada língua configura linguisticamente a realidade a seu modo, feito o recorte do *corpus*, escolhendo-se o arquitelexema TERRA e RIO. O valor das unidades léxicas está condicionado por e é dependente de uma norma de avaliação que pode variar de grupo para grupo ou de situação para situação.

Em relação à primeira hipótese, confirmamo-la, pois esses índios ausentaram-se da aldeia por algum tempo e nesse período, mantiveram contato constante com falantes de outras línguas e não podendo estudar sua língua de origem, perderam seu referencial linguístico. Como sabemos, a língua varia e as variações linguísticas se operam em decorrência, não só de fatores internos da língua, mas também de fatores externos, como é o caso da etnia dos guatós.

Quanto à língua da comunidade indígena os guató, é necessário que se faça, com urgência, pesquisas mais aprofundadas no sentido de resgatar e ensinar a língua aos demais membros da comunidade que não a dominam, principalmente as crianças, tendo em vista que, os poucos que a conhecem são aqueles já bastante idosos e se alguma coisa não for feita para ajudar esse povo a resgatar o que há de realmente seu, a língua nativa, com toda certeza, irá se extinguir bem antes que possamos imaginar.

De uma forma geral, esperamos que o presente trabalho possa contribuir, como fonte de consulta, para que se conheça melhor a realidade de uma região pouco conhecida e de difícil acesso, bem como as condições de um povo que embora nos documentos oficiais tivesse sido considerado extinto, sobrevive e continua sua luta pela conquista de seus direitos e pelo reconhecimento da comunidade internacional face às problemáticas enfrentadas ao longo da sua história.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Para uma filosofia marxista da linguagem. In: BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BASÍLIO, M. *Estruturas léxicas do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BORTOLOTTI, I. M.; DAMACENO JÚNIOR, G. A. *O uso de plantas e animais pelos índios guató; Ilha Ínsua, Pantanal Mato-grossense*. Corumbá: UFMS-CEUC/EOA-CAAP, 1988.

CÂMARA JR., J. M. *Princípios de linguística geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1985.

CARENO, M. F. do. *A linguagem rural do Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras*. Vol. 1. 1991. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis/SP.

CARTA ESCRITA, em 1854, pelo chefe Seattle ao presidente dos EUA, Franklin Pierce – divulgada pela Organização das Nações Unidas.

CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialetología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

FARACO, C. A. et al. *Uma introdução a Bakhtin*. Curitiba: Hatier, 1988.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário de língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

GODOI FILHO, J. D. de. Aspectos geológicos do Pantanal Mato-grossense e sua área de influência. Corumbá: *Anais...*, Brasília: EM-BRAPA, 1986, 265 p. 63-76.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

MOLLICA, M. C. (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. (Cadernos didáticos)

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, J. E. de. Diagnóstico socioambiental da área indígena guató – ilha Ínsua. *Fronteiras*, UFMS, Campo Grande – MS. *Revista de História*, v. 2, nº 4, 1998.

OLIVEIRA, J. E. de. *Guató. Argonautas do Pantanal*. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

ORLANDI, E. P. *Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 1990.

PALÁCIO, A. P. *Guató: a língua dos índios canoieiros do rio Paraguai*. Campinas: UNICAMP. Tese (Doutorado). Faculdade da PUC/São Paulo, 1984.

*Revista Terra*, Ano 8, nº 9. Edição 85, 1999, p. 52. São Paulo.

RIBEIRO, D. Culturas e línguas indígenas do Brasil. *Educação e Ciências Sociais*. Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas Educacionais, n. 6, v. 2, p. 5-102, 1957.

RODRIGUES, A. D. I. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SCHMIDT, M. *Estudos de etnologia brasileira*. Tradução de Catharina Baratz Cannabrava. *Brasiliana*, Gr. Formato, v. 2. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1942.

SUSNIK, B. *Etnologia del Chaco Boreal y de su periferia* (Siglos XVI y

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

XVIII). Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero. (Los Aborígenes del Paraguay, 1), 1978.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1985.

VANDRESEN, P. Introdução. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.